

IMPORTÂNCIA DA FIGURA PATERNA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA VISÃO DOS PAIS¹

MARCELA BARBOSA DA SILVA *

MARIA IZABEL CALIL STAMATO**

* Psicóloga, Formada na Universidade Católica de Santos em 2016.

**Doutora em Psicologia Social, Coordenadora do Curso de Psicologia (2011-atual) e orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso

RESUMO

O artigo apresenta resultados de Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia, que teve como objetivo aprofundar a compreensão sobre a função paterna e sua importância no desenvolvimento da criança, e produzir conhecimento científico sobre a visão do pai com relação a seu papel, fortalecendo a importância da convivência familiar saudável, direito previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente. O referencial teórico adotado foi a teoria psicanalítica, na visão de Donald Winnicott, correlacionada a um breve resgate histórico da construção social da figura paterna. A pesquisa de campo, de caráter qualitativo, envolveu 15 pais que acompanhavam as mães em consulta do filho na pediatria. O instrumental utilizado foi a entrevista semiestruturada, norteadas por um roteiro, abordando: o significado de ser pai; as influências na vida para se tornar pai; a importância da participação na vida do filho. As respostas dos pais participantes foram organizadas e sistematizadas em categorias, denominadas núcleos de significação, e analisadas com base na metodologia de análise de discurso, proposta pela Psicologia Sócio-Histórica. Os resultados da pesquisa trouxeram reflexões significativas sobre a visão dos pais com relação ao seu papel no cuidado com os filhos e seu lugar na dinâmica familiar, e revelaram que sua função no desenvolvimento social e cognitivo da criança vai muito além do apoio à mãe no período da gravidez e do apoio material à família. Pretende-se que estes resultados contribuam para a construção de políticas públicas voltadas às famílias, que favoreçam o exercício da paternidade responsável.

PALAVRAS-CHAVE

Paternidade. Teoria Psicanalítica: Winnicott. Desenvolvimento Infantil. Psicologia e Políticas Públicas. Direito à Convivência Familiar.

INTRODUÇÃO

O início da vida da criança foi amplamente estudado pelo psicanalista Donald Winnicott (1998), que privilegiou a função da mãe, por entender que a figura materna constitui o ambiente primitivo do bebê. A relação inicial do bebê com a mãe é considerada, pelo autor, a fase mais importante na estruturação da personalidade e do sujeito.

As mudanças na dinâmica familiar, decorrentes da inserção da mulher no mercado de trabalho e expansão de sua presença na sociedade atual, têm modificado de forma significativa a relação pais e filhos, ampliando a participação paterna nos cuidados, na criação e no desenvolvimento das crianças. Estas transformações originaram novas configurações das funções de pai e mãe, impulsionando pesquisadores e estudiosos a prestar mais atenção no papel do pai na família contemporânea. Pesquisas recentes sobre a paternidade, apesar de ainda restritas, vêm destacando a relevância da relação paterna, e apontando a necessidade de conhecer e compreender o lugar de um pai mais atuante e participativo na vida dos filhos.

A necessidade de aprofundar este conhecimento, a partir da visão dos pais, fortaleceu-se com a experiência vivenciada no Estágio de Psicologia Institucional e Comunitária, realizado em 2015 no Projeto Menina-Mãe, da Associação Paulista de Medicina de Santos, voltado a acolher adolescentes grávidas, com vistas a trabalhar, de forma grupal, valores, conhecimentos e sentimentos e fortalecer sua autonomia.

Nas rodas de conversa com as adolescentes, coordenadas por psicólogas e assistentes sociais, e acompanhadas por estagiários, principal estratégia utilizada no trabalho, percebeu-se que, embora muitas morassem com os pais dos seus filhos, tendo significativa importância em suas vidas, estes não eram incluídos nas atividades do Projeto.

Pesquisa bibliográfica em artigos e estudos disponibilizados em bancos de dados científicos na internet, visando entender melhor sobre essa relação pai-filho, constatou a limitação e insuficiência de estudos nesse campo. Poucos foram os autores encontrados que se debruçaram, de forma mais aprofundada, na compreensão da função paterna nos tempos atuais.

A necessidade de realizar estudos sobre este tema, aliada à importância de se garantir o direito à convivência familiar saudável, previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente, referência legal para todos que atuam com a população infanto-juvenil, impulsionou a realização da pesquisa aqui apresentada. Seu objetivo foi investigar, a partir da visão dos próprios pais, os fatores que os tornam participativos na vida e no cuidado dos filhos, as influências que determinam esta participação e o que entendem sobre a relação pai-filho e sua importância para o desenvolvimento da criança.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. A FIGURA PATERNA NA TEORIA PSICANALÍTICA

De acordo com Carvalho (2003), no imaginário coletivo, o modelo de família nuclear tornou-se um símbolo impregnado de idealizações, esperando-se,

[...] que ela produza cuidados, proteção, aprendizado dos afetos, construção de identidades e vínculos relacionais de pertencimento, capazes de promover melhor qualidade de vida a seus membros e efetiva inclusão social na comunidade e sociedade em que vivem. Estas expectativas são possibilidades e não garantias (CARVALHO, 2003, p.16).

Szymansky (2004) complementa que, desde Freud, a relação mãe-bebê tem sido interpretada como decisiva para o desenvolvimento emocional da criança. Essa concepção destaca a família como lugar potencial e privilegiado de produção de subjetividades saudáveis, estáveis e felizes, ou, ao contrário, espaço de desequilíbrios, inseguranças e desvios de comportamento.

Com relação à figura paterna, Carvalho (2003) destaca que a autoridade de pai se fundamentava na função de provedor financeiro da família, figura de ligação entre passado-presente e futuro, destacando-se no topo da pirâmide na condição de marido e representante da instituição familiar. Estas dimensões eram fortalecidas pela dimensão cultural das representações sociais atribuídas aos papéis masculino e de autoridade..

Kupfeberg, citado por Ogaki e Sei (2015), analisa que Freud separa três momentos distintos relacionados ao pai no desenvolvimento da criança - Complexo de Édipo, Totem e o Homem Moisés e a religião monoteísta.

Para Freud (1923/1996), no primeiro momento, Complexo de Édipo, a figura paterna é muito significativa, destacando sua função de *retirar e resgatar* o sujeito do campo da mãe. O pai como *interditador*, aquele que opera o corte no vínculo incestuoso mãe-filho, não é um pai qualquer. Não se trata exclusivamente do pai enquanto pessoa, do pai da realidade, daquele que está ou não presente no universo familiar. Trata-se de um pai que, mesmo ausente do universo familiar, está presente no Complexo de Édipo. Antecipa-se no desejo da mãe, como aquele que, além de portar o objeto de seu prazer, é potente o suficiente para operar o corte e estabelecer a falta simbólica no filho. Este pai, o pai imaginário, cuja imagem é apresentada ao filho pelo discurso materno, se materializa e se sustenta nos significantes maternos. Este pai possibilita, ao filho, o lugar na ordem simbólica como sujeito desejante.

No segundo momento, de acordo com a teoria freudiana, apresentada por Ogaki e Sei (2015), o pai é entendido a partir de um mito científico, protagonizado por um único homem, que detém o direito sobre as mulheres do grupo. Quando tal pai é morto e devorado pelos filhos, que incorporam esse pai ideal, tem início a organização social, as restrições morais e da religião. A partir daí, o Totem torna-se representante do pai, com proibições de assassinato e de relações com mulheres do mesmo Totem. Ao atribuir culpa a esse ato, o Totem transforma o pai em responsável pela introdução da lei e da ordem, a ser transmitida de geração em geração.

No terceiro momento das teorizações de Freud sobre o pai (OGAKI e SEI, 2015), esse aparece representado por Moisés e o monoteísmo, como símbolo da ausência, do morto e do estrangeiro.

Já Winnicott, conforme Ogaki e Sei (2015), apresenta uma contribuição diferente sobre o pai e sua função. Para ele, o pai surge essencialmente como um terceiro, que opera um corte na relação mãe-filho, introduzindo a lei, inserindo a criança no social, e tendo centralidade na estruturação da personalidade. Winnicott (1990) ainda entende que o pai já está presente na vida do filho antes desse período, tendo diferentes funções ao longo do processo de amadurecimento pessoal da criança.

2. O PAI SUFICIENTEMENTE BOM E SEUS ESTADOS DE DEPENDÊNCIA.

Winnicott (1975) refere-se ao pai para além da função da provisão de cuidados materiais à família. Nesta direção, atribui posteriormente ao pai, a mesma condição de espelho inicialmente assumida pela mãe, por meio da qual a criança pode reconhecer-se e sentir-se existente e real, alcançando maturidade emocional. E aponta a importância da existência de um terceiro a se aproximar e interferir na peculiar relação da dupla mãe-bebê, destacando sua contribuição direta na teoria do desenvolvimento do self do bebê. O pai, enquanto terceiro, pode alcançar, ou não, êxito na tarefa de apresentar-se como diferente, de acordo com sua maturidade emocional e, sem dúvida, de acordo com a maturidade emocional e com a história da mãe.

2.1. Dependência absoluta

Winnicott (2008) explica que, para que haja o começo de uma vida é necessário que a mãe se identifique com seu bebê, a ponto de estar disponível para atender todas as suas necessidades. Ao mesmo tempo, o bebê depende desse movimento para ser suprido e sua vida ter continuidade. Essa é relação de dependência do bebê que, sem a mãe, não consegue sobreviver. A respeito desse estado, coloca que:

Gradualmente, esse estado passa a ser o de uma sensibilidade exacerbada durante e principalmente ao fim da gravidez. Sua duração é de algumas semanas após o nascimento do bebê. Dificilmente as mães o recordam depois que o ultrapassaram. Eu daria um passo a mais e diria que a memória das mães a esse respeito tende a ser reprimida (WINNICOTT, 2008, p. 401).

Nesse estágio de maturidade, tanto corporal quanto psíquico do bebê, não há espaço para outra figura que não seja a da mãe, mas isso não significa, de modo algum, que o pai não tenha um papel importante nessa época da vida do filho. O que acontece é que o bebê não diferencia a mãe de si mesmo, o seio que o alimenta não é outro, é ele mesmo.

2.2. Dependência relativa

De acordo com Winnicott (2008), se não ocorre nenhuma falha ambiental grave, surge a necessidade de o bebê ser desmamado, o que acontece de forma gradual. Em um primeiro momento, a mãe estabelece horários para as mamadas, não atendendo mais o filho no instante em que ele demanda sua atenção. O desmame é um momento delicado, do ponto de vista materno. Ao se unir de maneira tão intensa com o bebê, a mãe se permite criar a fantasia de que ela (seu seio) é uma presa, a ser atacada por um predador, que é seu filho. Para que essa ilusão ocorra na mulher é necessário que haja um envolvimento intenso, que só será possível com uma estabilidade ambiental, garantida, entre outros fatores, também pelo pai. Permitir-se ser presa é um ato colocado como dedicação por parte da mãe. Ao abrir mão desse estado, a mãe tem que se deslocar de uma experiência de gratificação e prazer intensos, além de perder uma parcela do controle sobre o seu bebê.

O autor (2008) destaca a importância de entender o período do desmame como um momento de desilusão também para o bebê, por se configurar como um rompimento de alguns aspectos de sua relação inicial com a mãe. A ruptura, quando saudável, não ocorre de maneira abrupta, mas processa-se de maneira gradual, de forma que o bebê começa a transitar de um mundo subjetivo para o mundo objetivo, como coloca Fulgêncio (2007, p. 73):

A transição de um mundo subjetivo para um mundo objetivamente compartilhado é feita em pequenas doses, sendo que num primeiro momento o bebê entrará em contato com uma nova realidade, a transicional, que contempla ao mesmo tempo a experiência da realidade subjetiva, mesclada de elementos objetivamente percebidos da realidade exterior. Neste modo de viver, o bebê já pode, em algum nível, efetivamente relacionar-se com algo da realidade objetiva dos objetos externos que ele elegeu como sendo dele.

O deslocamento do papel da mãe é gerador da realidade transicional do bebê, daí a importância da função do pai, que chama a mãe para o sentido contrário ao da relação simbiótica com o filho. Nesse momento, a relação do bebê com o pai ainda não é direta, mas a firmeza dele é importante para a mãe permitir o início da separação entre ela e o filho. O pai, como pessoa que acalma e suporta a angústia da mãe nessa transição, pode exercer, mais do que antes, as funções de mãe.

3. WINNICOTT: OS FENÔMENOS TRANSICIONAIS COMO PARTE DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL.

Para Winnicott (1990), o primeiro contato do bebê com a realidade externa é através do seio da mãe e do ato de mamar. Esse contato é de extrema importância e pode ser considerado um acontecimento singular quanto à construção do evento a partir da memória.

Nesse momento, o bebê está tomado de uma crescente tensão instintiva, pronto para receber algo que não sabe muito bem o que é. Se a mãe é capaz de ofertar-lhe o seio, ela dá início a um relacionamento excitado, em que estão biologicamente implicados (WINNICOTT, 1990).

O bebê, a partir do desenvolvimento de sua tensão instintiva, acaba por ansiar algo e, com o tempo, sua boca e mãos agem de forma a comprovar isso. Conforme Winnicott (1990, p. 124), “nesse momento o bebê já está pronto para ser criativo: ele alucina um objeto e tem a sensação de tê-lo criado”.

4. WINNICOTT E SUAS TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO.

4.1. Desenvolvimento da Teoria da Ilusão-Desilusão.

À mãe suficientemente boa cabe se adequar ativamente às necessidades do bebê. Essa adaptação é gradativa e vai diminuindo, de acordo com a crescente capacidade do bebê em tolerar a frustração. A mãe não necessariamente é a mãe real, mas esta é sem dúvida a mais indicada para cuidar do bebê, já que esse cuidado requer devoção e não jeito ou esclarecimento intelectual (WINNICOTT, 1975).

O bebê, com o passar do tempo, vai adquirindo meios de tolerar a frustração causada pelas falhas da mãe, os quais incluem a experiência de um tempo limite para a frustração. Segundo Winnicott (1975, p. 25) “a experiência do bebê, quase sempre repetida, de que há um limite temporal para a frustração. A princípio, naturalmente, esse limite deve ser curto”. Outros fatores fundamentais são o crescente sentido de processo por parte do bebê; o início da atividade mental; o emprego de satisfações auto-eróticas; e o recordar, reviver, fantasiar e sonhar, integrando passado, presente e futuro.

Em um desenvolvimento saudável, o bebê ganha com a experiência de frustração, já que é a adaptação incompleta às necessidades no tempo certo que torna reais os objetos amados

e odiados. Desse modo, uma adaptação completa durante um tempo maior do que o necessário é algo prejudicial ao bebê, que, com o tempo, começa a desenvolver a capacidade de experimentar uma relação com a realidade externa e a fazer uma concepção dessa realidade (WINNICOTT, 1975).

A mãe suficientemente boa, no início da relação com o bebê, dá a ele a possibilidade de ter a ilusão de ter criado o seio, como se o mesmo se encontrasse sob seu controle mágico e onipotente. Isso se deve à adaptação quase perfeita da mãe às necessidades do bebê, tornando sua onipotência quase um fato da sua experiência. Com o passar do tempo, a tarefa da mãe muda, e seu papel é desiludir gradativamente o bebê. Isso só pode acontecer quando a mãe o iludiu primeiro (WINNICOTT, 1975).

4.2. Teoria da Brincadeira

Para Winnicott (1975), o bebê e o objeto estão juntos um ao outro, tendo este uma visão subjetiva do objeto e a mãe como figura para tornar aquilo concreto. Com isso, a mãe se encontra em uma oscilação entre ser o que o bebê tem capacidade de encontrar e ser ela própria, aguardando ser encontrada. Isso acarreta a experiência chamada de controle mágico, isto é, experiência daquilo que é chamado de *onipotência* na descrição de processos intrapsíquicos.

De acordo com ele, o estado de confiança que se desenvolve quando a mãe pode desempenhar-se bem dessa difícil tarefa, permite ao bebê começar a utilizar experiências baseadas na *onipotência* dos processos intrapsíquicos com o controle que tem do real.

A importância do brincar, para ele, é sempre a instabilidade do jogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle de objetos reais, a incerteza da própria magia, que se origina da intimidade e confiança. Para ser digno de confiança, o relacionamento é necessariamente motivado pelo amor da mãe, ou pelo seu amor/ódio ou pela sua relação de objeto, não por formações reativas.

4.3. A busca do EU (self)

Conforme Winnicott (1975, p. 80), “é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)”. Sendo assim, somente no brincar a comunicação é possível.

O autor (1975) relata a vivência de atendimento de centenas de pessoas à procura do eu (self) nos produtos de suas experiências criativas. Entretanto, essa busca não leva à descoberta desejada, já que a criatividade produzida nessas experiências liga-se apenas a um aspecto da vida, e não ao viver total do eu (self).

METODOLOGIA.

O objetivo da pesquisa foi estudar o papel da função paterna no desenvolvimento infantil, investigando a visão dos pais sobre o exercício de seu papel, as influências existentes na forma de exercer essa paternidade e os motivos que induzem os pais a se tornarem ou não participativos no desenvolvimento dos filhos.

A metodologia escolhida foi a pesquisa exploratória, de caráter qualitativo, utilizando como instrumental a entrevista semi-estruturada, que, para Gil (2002), é a mais flexível de

todas as técnicas de coleta de dados de que dispõem as ciências sociais. Com ela, pode-se identificar os pontos fortes assim como suas fraquezas, o que possibilita, ao pesquisador, ter plena consciência da quantidade e qualidade das informações que podem ser coletadas com a sua utilização.

Os sujeitos foram 15 pais, participantes da vida e dos cuidados de seus filhos, sem restrição de idade, número de filhos, estado civil, escolarização. O acesso a sujeitos que atendessem os requisitos definidos na pesquisa foi realizado por meio de uma busca em consultórios de pediatras, definindo o acompanhamento das mães à consulta como critério de presença e participação na vida do filho. Após visita a vários consultórios pediátricos, escolheu-se o consultório de uma pediatra especializada em homeopatia, porque apresentou maior demanda de pais acompanhando as mães nas consultas, que concordaram em participar da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas no período de junho a setembro de 2016, em visitas quinzenais no período da tarde, com interrupção no mês de julho pelas férias da pediatra

Todas as entrevistas foram previamente autorizadas pelos sujeitos, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme as Normas Éticas de Pesquisa com Seres Humanos, aprovadas pelo Conselho Nacional de Saúde em 2012. Gravadas com autorização dos participantes, foram posteriormente transcritas na íntegra. para garantir a fidedignidade das respostas.

Foram norteadas por um roteiro com três perguntas: O significado de ser pai; As influências para se tornar pai; A importância de sua participação na vida do filho.

As respostas dos sujeitos foram analisadas pela metodologia de análise crítica do discurso, que concebe o texto como uma organização dotada de mecanismos de coerência interna e externa.

Triviños (RAUEN, 1999) apresenta os seguintes passos do processo de análise de conteúdo: pré-análise (organização do material), descrição analítica dos dados (codificação, classificação, categorização), interpretação referencial (tratamento e reflexão).

O objetivo da análise é reduzir as interferências do pesquisador, de forma a buscar o sentido das respostas às perguntas da pesquisa. “O objetivo da interpretação é a procura do sentido mais amplo das respostas, por sua ligação com outros conhecimentos já obtidos” (RAUEN, 1999, p. 122).

Para o autor, a interpretação também é um processo de analogia com os estudos semelhantes, de forma que os resultados obtidos sejam comparados com resultados similares para destacar pontos em comum e pontos de discordância.

Seguindo as etapas da metodologia adotada, após a transcrição das entrevistas, procedeu-se à identificação dos temas recorrentes, organizados em categorias, denominadas Núcleos de Significação, com caracterização das fases da narrativa, e correlação com o referencial teórico estudado.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1. Sistematização dos Resultados

A faixa etária da maioria dos sujeitos participantes ficou entre 20 e 40 anos aproximadamente, sendo também a maioria pai de primeira viagem. Nas entrevistas, realizadas no momento em que aguardavam ser chamados pela pediatra, estavam com as esposas. Pela minha observação, nesse momento de espera, brincavam mais do que as mães com as crianças. Com

exceção de um, todos trabalhavam em período integral e não tiveram acesso à nova licença paternidade por vinte dias.

Para identificação das categorias – Núcleos de Significação –, referências do processo de análise do discurso, foram realizadas várias leituras flutuantes das entrevistas, identificando-se os temas que mais se destacaram, organizados no Quadro I.

Temas	Falas
Responsabilidade de ser pai	<i>“Acho que você para de pensar muito em você próprio e o mais importante é saber que tem alguém que depende de você.”</i>
Insegurança do papel de pai	<i>“Tudo o que ela precisa está na mãe”</i>
Participação na vida do filho	<i>“O mais importante é isso, mostrar o amor de pai através das atitudes e pequenos gestos”</i>

Quadro I
Identificação dos temas em destaque

No Quadro II estão colocados os diferentes aspectos de cada um dos temas destacados.

Responsabilidade de ser pai	<p>Foco: <i>“A maneira como ela direciona nossa vida. Tudo junto e misturado em prol de uma vida que passa a valer mais que a nossa”.</i></p> <p>Se tornar exemplo: <i>“A paternidade trouxe uma reflexão maravilhosa sobre minha existência, minhas ideias e meus atos”.</i></p>	<p>Dificuldade de educar: <i>“Educar! Como é difícil, saber dar limites, até quando você está sendo rígido demais ou frouxo demais”.</i></p> <p>Dificuldade de se mostrar como exemplo: <i>“Saber que você vai tentar criar pessoas boas pra ficar nesse mundo louco que vivemos, tentar mostrar os melhores caminhos e precisa ser o melhor que pode pra isso. É muito complicado, né?”</i></p>
-----------------------------	---	--

Insegurança do papel de pai	A mãe: “(...) <i>mas a mãe normalmente faz tudo, né? Mas sempre que possível eu fíco com ele, às vezes ela deixa rapidamente</i> ”.	Influência paterna: “ <i>Tive um pai muito incrível que me ensinou muitas coisas, boas e ruins. Ele com certeza foi uma base importante pra que me tornar o que sou hoje e sei o quão a presença do pai é importante pra um filho. Ele dá segurança</i> ”.
Participação na vida do filho	Trabalho: “ <i>O maior desafio dos tempos atuais para mim como pai, talvez seja conciliar</i> ”	Ser presente: “ <i>É importante você estar junto, acompanhar suas descobertas, ensinar</i> ”

Quadro 2
Aspectos dos temas destacados

No quadro III estão identificados os Núcleos de Significação, que representam os elementos que mais se destacaram nos discursos dos pais entrevistados, em relação à vivência da paternidade de cada um deles.

Responsabilidade de ser pai	<ul style="list-style-type: none"> • Foco • Ser exemplo • Dificuldade em educar • Dificuldade em se tornar exemplo
Insegurança do papel de pai	<ul style="list-style-type: none"> • A presença da mãe • Influência paterna
Participação na vida do filho	<ul style="list-style-type: none"> • Ser presente • A dificuldade por conta do trabalho • Momentos pai e filho(a)

Quadro 3
Núcleos de Significação que se destacaram nos discursos

A análise dos Núcleos de Significação mostrou que os aspectos presentes nas entrevistas dos sujeitos cruzam-se nas respostas, tornando necessária sua íntima correlação para atingir os objetivos propostos no estudo se propôs, conforme apresentado a seguir.

5.2. Discussão e Análise dos Resultados

Os posicionamentos assumidos pelos participantes sobre a paternidade associam a vivência desta com o atributo social ‘responsabilidade’, como é possível perceber nesse discurso:

A melhor palavra que define tudo é responsabilidade. É o peso. Você nunca vai ser como antes. Vai ter que ter sempre responsabilidade com ele. [...] A responsabilidade de sempre ampará-lo, de assumir. [...] Qualquer decisão que eu tomar, não é só mais eu.

Este pai revela uma preocupação com o bem estar do seu filho, maior até que a preocupação com si mesmo, atribuindo à figura paterna a responsabilidade de garantia de proteção e qualidade de vida para o filho.

De acordo com Freitas (2009), homens que limitam a paternidade à responsabilidade assumem um papel social de provedores materiais e ‘guardiões da família’, com base em um modelo tradicional de pai. Para eles, a identidade de pai está ligada à identidade masculina, sendo o papel paterno construído segundo padrões de gênero, que vinculam a imagem de homem ao referencial de masculinidade.

O entrevistado também coloca no filho a redução de liberdade sobre possíveis e necessárias tomadas de decisão. Para ele, a paternidade é como uma resignificação de sua vontade, que agora, passa a ser de seu filho. Quando utiliza a expressão ‘É o peso’ para referir-se à responsabilidade, aponta um sentido de missão natural da paternidade: o pai se ocupa do sustento material da família e a mãe de seus cuidados.

Ser pai é se tornar responsável. É saber que, quando sair de casa para trabalhar, o foco não é mais você e sim o seu filho. É saber que quando você voltar, é ele quem vai estar te esperando, e é por ele que você vai voltar e só tomar decisões certas, porque agora você precisa ser exemplo.

A responsabilidade citada no relato do entrevistado reflete uma pressão social sobre o homem, gerada pela imposição de papéis que, não cumpridos, podem provocar angústia.

Para Silva (2007), essa representação social traz consigo a referência do pai que ampara, que não permite que o filho sofra, vivida internamente pelo homem de modo paradoxal, por estar quase sempre distante da dimensão afetiva pai-filho.

Com isso, é possível entender que, em determinadas situações, os aspectos subjetivos relacionados com o amor, carinho e afeto não são a priori associados ao significado de pai. Sob esse ponto de vista, o modelo de pai provedor é o modelo do bom pai.

Birman, citado por Emídio e Hashimoto (2008), analisa que o pai ocupa, na teoria psicanalítica, primeiro o espaço do pai protetor, pai simbólico, que, ao instituir a castração a todos, permite a vida em sociedade. Posteriormente, com a transformação do discurso psicanalítico, o pai ocupa um lugar de falha e falta. Nessa transformação, que se relaciona com a transformação da sociedade, na passagem para a era moderna, o pai muda de uma posição de poder absoluto para um poder relativo, passa de protetor à falha.

Embora ainda exista essa máscara social, há pais que buscam pela responsabilidade de forma participativa, como no relato abaixo:

A criança nasce e gruda no peito da mãe. Tudo o que ela precisa está na mãe! Pow! Também quero! Eu combinei com ela (a mãe) que a hora do banho era o meu momento de ficar com ele. Fiz um curso e em uma das aulas era sobre o banho e a coisa mais legal foi descobrir que era um momento bom para a família inteira. Enquanto ela descansava, eu curtia meu filho e ele tomava banho.

Para Freitas (2009), tornar-se pai também é apontado como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta. Por este lado, o filho representa uma transformação na vida do pai,

no sentido de fazê-lo perceber que, ao se tornar pai, passa a ser mais adulto e um objeto de identificação para aquela criança.

Outro entrevistado trouxe essa mesma visão de se tornar responsável por outro alguém, numa perspectiva de leveza, criatividade, conquista de sonhos e realização conjunta:

A paternidade trouxe uma reflexão maravilhosa sobre minha existência, minhas ideias e meus atos. Filhos são um “tapa na cara” sobre o que realmente importa na vida. Ser pai me deu leveza, mas ao mesmo tempo me deu criatividade, disposição e muito... muito mais alegria para trabalhar e conquistar meus sonhos... Agora... nossos sonhos.

De acordo com Freitas (2009), o nascimento é o marco dessa mudança, pelo fato de a figura da criança remeter, ao pai, a necessidade de olhar a vida por um prisma diferente, com novas tarefas, responsabilidades e sentimentos.

Lembro que quando ela nasceu, parece que eu também nasci. Pra mulher acho que é muito mais fácil entender a gravidez, porque acontece tudo com ela, né? Então pra gente é muito louco o momento do nascimento, é ali que se torna físico, concreto e então a ficha cai. Ser pai é algo que não dá pra explicar.

No sentido revelado na expressão “(...) a ficha cai”, o discurso desse pai surge como transformador. Além do papel de pai ser uma responsabilidade social, parece configurar internamente a passagem para a vida adulta responsável.

Assim como os pais associam a paternidade e responsabilidade, também colocam que o ser pai é se tornar participante na vida da criança.

É participar, é cuidar. Isso é importante para o desenvolvimento, a criança sente a presença do pai, então acredito que quando ele tiver maior, ele vai lembrar, mais pra frente vai fazer toda a diferença na vida dele. Pra mim, o mais importante é isso, mostrar o amor de pai através das atitudes e pequenos gestos. Tudo que eu posso fazer e estar junto, participar, eu participo.

Para Winnicott (1975), a participação do pai é importante nas brincadeiras infantis, quando possível, pois neste momento, o pai pode acrescentar elementos valiosos ao mundo das brincadeiras, além de ter a percepção de brinquedos e mecanismos que ajudam as crianças em seu desenvolvimento, sem interromper o curso natural da sua imaginação.

Pesquisas sobre o envolvimento paterno nos anos 1950 e 1960, recorrentemente mostravam que a participação do pai no desenvolvimento da criança era muito restrita. Entre 1960 e 1976, apenas 3% dos estudos sobre o desenvolvimento infantil incluíram o pai. Essas pesquisas enfatizavam que o papel paterno era brincar com os filhos, e que os impactos mais importantes do envolvimento do pai no desenvolvimento dos filhos incluíam a promoção do desenvolvimento social das meninas e a formação de identidade sexual dos meninos (BENCZIK, 2011).

A mudança desse quadro no mundo atual revela-se no discurso dos pais entrevistados, que apresentaram respostas muito semelhantes ao analisarem sua participação no cuidado com os filhos, enfatizando a sensação de prazer e compensação, apesar de demonstrarem também cansaço e vontade maior de deixar o filho com a mãe em determinados momentos.

É cansativo, mas é muito prazeroso. Compensa muito. Eu falei pra minha esposa que é mais gostoso ser pai do que ganhar na Megassena.

A necessidade de prática para cuidar dos filhos foi muito citada ao se abordar o assunto liberdade para ficar com as crianças. Muitos destacaram que a mãe, em função do maior contato com a criança, tem mais facilidade para cuidar, trocar e entender o motivo do choro, por exemplo. A maioria dos pais trabalha e cita o trabalho como ponto negativo na hora de ser mais participativo na vida da criança.

Tenho muita liberdade, mas a mãe normalmente faz tudo, né? Mas sempre que possível eu fico com ele, às vezes ela deixa rapidamente: “eu vou ali, fica com ele um pouquinho”. A mãe sempre vai deixando aos poucos, quando sente que o pai está ficando mais preparado, aí ela vai largando um pouquinho mais na mão do pai, mas tenho toda a liberdade de ficar com ele, de limpar a fralda, brincar, às vezes até dou umas bronquinhos nele “Pô, tá fazendo malcriação”, mas é muito gostoso.

Quando este pai fala que possui liberdade, mas que a mãe ainda é muito presente e que “vai deixando aos poucos”, quando sente o pai mais preparado, revela, em seu discurso implícito, que, na verdade, essa mãe não dá a segurança necessária para que o pai se torne gradativamente participativo.

Fering e Lewis (BELO, 2014) destacam a importância de a mãe apoiar o pai, fazendo-o sentir-se bem como tal, uma vez que os sentimentos positivos em relação à competência paterna influenciam positivamente a responsabilidade deste com a criança. Em consequência, a criança é influenciada indiretamente pela mãe.

Não costumo ficar sozinho com ela, porque a mãe está sempre presente, né? E eu faço o possível pra ajudar a mãe, mas tenho a liberdade pra ajudá-la, ela gosta que eu participe, que eu troque fralda, dê banho, ela se sente bem e diz que ganha confiança pra que possa fazer outras atividades enquanto eu estiver por perto. É um prazer cuidar da minha filha.

No relato deste entrevistado, ele coloca que tem liberdade apenas para ajudar a mãe e, com isso, ganha a confiança dela para realizar outras atividades, enquanto estiver por perto. Ela sempre me deixou fazer tudo e até me ensinou algumas coisas pra que eu pudesse ficar sozinho com ela de vez em quando.

Neste outro trecho, o pai confirma que a mãe, que inicialmente também teve que aprender sobre a criança, precisa lhe ensinar para que possa cuidar do filho com mais confiança. Em conversa com a pediatra do consultório em que foram feitas as entrevistas, esta relatou que, muitas vezes, realmente os pais não são tão participativos por causa da mãe.

Às vezes a mãe dá liberdade para o pai cuidar, às vezes não. Sempre chamo atenção quando a mãe fala ‘ele não sabe trocar fralda’, ‘ele vai pro colo do pai e chora’, eu já digo pra ela: ‘Olha, é pra sempre... Se você começa a dizer pro pai que ele não consegue... que ele dá trabalho... você afasta o pai. Aí, ele só vai te dizer: ‘Olha, ele está com a fralda suja!’ Pra você trocar. E ainda brinco assim: Ele não pode ter a experiência que você teve, ele nunca brincou de boneca. Não que o menino nunca tenha tido uma condição de brincar de boneca, mas é questão cultural.

A fala da pediatra tende a trazer a figura paterna cada vez mais próxima de seus filhos, criticando a postura da mãe frente a isso. E reforça a dificuldade de proximidade do pai com os filhos, pelo fato da mãe ‘sempre fazer tudo’, relatada nos discursos dos entrevistados. Esse tipo de comportamento torna cômoda a função paterna e sobrecarrega a materna.

Segundo Lamb (CREPALDI, 2006), o pai costuma passar menos tempo com a criança, utilizando este momento para atividades de lazer - como sair e brincar - diferentemente da mãe, o que não quer dizer que seja menos atento e menos carinhoso. Por mais que a história cultural ainda prevaleça, os pais hoje estão mais participativos e compartilham várias situações da vida de seus filhos, tanto no âmbito emocional, como social e cognitivo. Mas ainda existem muitos pais que não ocupam este lugar, porque não o desejam ou por acreditar que não podem. E existem também muitas mães que não concedem este direito aos pais de seus filhos. É muito comum, nos discursos dos pais, a intervenção da mãe em quase todos os momentos ou sempre que necessário. Com exceção de um, que afirmou ter total liberdade para cuidar do filho, após a mãe ter voltado a trabalhar.

Sempre cuidei dos meus filhos, mas comecei a cuidar mais quando minha esposa voltou a trabalhar. Ela entra mais cedo, então sou eu que preparo a bolsa de meus filhos para a escola. Também os acordo, faço o café e os levo para a escola. À noite, quando chego em casa, sempre brinco, dou banho e converso sobre o que fizeram no dia. Muitas vezes os faço dormir. Não há nada que eu não faça. Eu cuido deles como a mãe.

Neste trecho, o pai destaca suas funções, afirmando serem iguais às da mãe, e não vendo diferença entre elas.

Pleck (CREPALDI, 2006) propõe um conceito de envolvimento do pai baseando-se em três componentes: 1) engajamento deste em interação direta com a criança, cuidando, brincando ou envolvido em atividades de lazer; 2) disponibilidade para a criança; 3) responsabilidade pelo cuidado com a criança.

Este último componente refere-se ao pai como cuidador principal, assim como o entrevistado se coloca, ao relatar as atividades que realiza com os filhos.

Estudo realizado na Universidade de Michigan, EUA, recentemente publicado, mostra que o pai e a mãe exercem um papel igualmente importante para o desenvolvimento da criança. Os pesquisadores defendem que a qualidade da relação que o pai tem com a criança, somada às suas características pessoais têm muita influência no desenvolvimento social da criança (KANAREK, 2014).

Os estudos teóricos destacam que o pai também pode exercer as funções de cuidador, como afirma Winnicott (2008):

[...] o mesmo fenômeno recebe o nome de “relacionamento simbiótico”. Diz-se frequentemente que a mãe de um bebê é biologicamente condicionada para a sua tarefa de lidar de modo todo especial com as necessidades do bebê. Em linguagem mais comum, existe identificação – consciente, mas também profundamente inconsciente – que a mãe tem com o seu bebê (p. 399).

Para o autor, a capacidade de identificação com o bebê não é algo exclusivo da mãe, qualquer cuidador emocionalmente envolvido com a criança, e que zela pelo seu bem-estar, está pronto para essa identificação. Embora a função da mãe, nesse caso, não seja totalmente ausente, o pai assume um papel fundamental quando passa mais tempo com os filhos. Uma observação significativa, é que todos os pais entrevistados, ao falar de sua participação no cuidado dos filhos, citam atividades após o nascimento da criança, como trocar fralda, dar banho, colocar para dormir.

Winnicott (2008) pontua a importância da presença do pai, ainda na gestação do bebê, nos cuidados e auxílio para a mãe. Para Pupo (BENCZIK, 2011), o ideal é que o pai participe

dos cuidados com a criança desde o momento do nascimento: deve assistir o banho, conversar com o pediatra e enfermeiras, cantar uma cantiga de ninar, ajudar na troca de fraldas e no banho. O pai deve participar o máximo possível da rotina de seu filho, perguntando para a pessoa que fica mais tempo com o bebê sobre seus gostos e suas preferências.

Eu gosto de participar de tudo, de saber de tudo. É muito prazeroso ver que seu filho assemelha tudo o que você é tão... tão rapidamente. Vira e mexe ele me imita e geralmente ele me faz dando algum tipo de limite: “Não, meu filho, não pode”, ele disse esses dias.

Esse relato mostra que, além da presença do pai ser um exemplo para o filho, também facilita à criança a passagem do mundo da família para o da sociedade. Como coloca Conrneau (BENCZIK, 2011), a presença do pai permite o acesso à agressividade, à afirmação de si, à capacidade de se defender e de explorar o ambiente. Este mesmo autor acredita que as crianças que contam com pai próximo e presente sentem-se mais seguras em seus estudos, na escolha de uma profissão ou na tomada de iniciativas pessoais. A participação efetiva do pai na vida de um filho promove segurança, autoestima, independência e estabilidade emocional.

Winnicott (DIAS, 2008) define o papel do pai como ‘duplicador dos cuidados maternos’, responsável por manter um ambiente tranquilo para a mãe cuidar da criança. Além disso, o pai é vivido pela criança,

(...) como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível e que, em certas circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem que se transforma num ser humano, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado (DIAS, 2008, p.103).

Para ele, o pai sempre está ligado à função de servir de apoio e continuidade aos cuidados da mãe. Além disso, mesmo no caso de participar ativamente dos cuidados da criança, o pai passa elementos de autoridade, lei e barreira entre o filho e a mãe, funções definidas pela psicanálise como paternas.

Os pais entrevistados destacaram o trabalho como dimensão que impede maior participação na vida de seus filhos. Muitos pais entrevistados relataram pedir folga no trabalho ou marcarem horários fora da rotina de trabalho, para acompanhar a consulta na pediatra. Como já citado, culturalmente o papel do pai é bem rígido e patriarcal e, apesar de intensas transformações na sociedade com relação à dinâmica familiar, muitos pais continuam sendo os provedores de suas famílias, o que lhes exige intensa dedicação ao trabalho.

Eu trabalho muito e às vezes penso se vale tanto a pena ficar tanto tempo longe, mas também não posso largar tudo, tenho um filho pra cuidar.

O entrevistado revela sentimento de culpa por precisar trabalhar e não poder participar tanto da vida do seu filho, mas, ao mesmo tempo, atribui ao filho o significado de responsabilidade e determinação. Os discursos revelaram ainda que a participação do pai no desenvolvimento da criança tem influências até na fase adulta, quando este filho se torna pai.

Cerca de 5 (cinco) dos 15 (quinze) pais entrevistados citaram boa relação e convivência com seus respectivos pais. E mesmo os que tiveram pouco contato com seus genitores, relataram as devidas influências dos cuidados recebidos de suas mães. A maioria dos discursos trouxe a importância da função materna em sua vida, para o desenvolvimento de seu lado paterno com a chegada dos filhos.

Não tive influência do meu pai, minha mãe sempre cuidou da gente sozinha (ela é divorciada, né?), aí não tive a presença do meu pai, mas acho que foi um instinto paterno mesmo, sabe? Foi o prazer de ver a bebê

A fala deste pai trouxe a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o instinto paterno, constatando-se poucas pesquisas sobre a temática. Do ponto de vista da teoria de Freud (BELO, 2014), o papel dos instintos, no sentido biológico, é de alcance absolutamente restrito nos seres humanos, uma vez que estes agem não por instintos, mas a partir da pulsão. Ele define instinto como

[...] esquemas de comportamento herdado, próprio de uma espécie animal, que pouco varia de um indivíduo para outro, que se desenrola segundo uma sequência temporal pouco suscetível de alterações e que parece corresponder a uma finalidade (BELO, 2014, p. 355).

Já a pulsão é apresentada como um processo dinâmico de pressão ou força, que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud (BELO, 2014 p. 394),

[...] uma pulsão tem a fonte numa excitação corporal (estado de tensão); seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir sua meta.

Assim, para Freud, o instinto tem um caráter sistemático e filogenético, enquanto a pulsão é dinâmica, voltada a objetos predestinados, com o objetivo de suprimir um estado de tensão.

Pensando na função da paternidade, os estudos mostram que sofreu grandes transformações ao longo da história, sem identificação de um padrão comportamental e afetivo que justifique o entendimento da parentalidade como algo instintivo. A concepção de uma função paterna mais afetiva e não estritamente funcional passa a ser percebida, conforme Ariés (BELO, 2014), somente no século XVIII. Este contexto desconstrói a ideia de naturalização do investimento libidinal parental e de papéis e funções familiares, tornando mais coerente a associação entre relações parentais e os sentimentos que as envolvem.

Os pais entrevistados que relataram experiências de ausência paterna, associaram esta à necessidade e ao empenho de construir um relacionamento pai-filho contrário ao vivenciado.

Meu pai nunca teve essa relação comigo, eram tempos diferentes. A gente conversava apenas esporadicamente. Por isso, vejo em minha proximidade com meus filhos uma coisa muito séria. Ela me realiza bastante.

Já os entrevistados que relataram experiências boas com seus pais, demonstram vontade de repeti-las com seus filhos.

Tive um pai muito incrível que me ensinou muitas coisas, boas e ruins. Ele com certeza foi uma base importante pra que me tornar o que sou hoje e sei o quão a presença do pai é importante pra um filho. Ele dá segurança.

CONCLUSÃO

No presente estudo, os pais entrevistados apresentaram posições sociais reveladoras de algumas transformações ocorridas no campo das responsabilidades paternas, ao longo da história, apesar de ainda manterem resquícios da hegemonia do modelo tradicional. O homem continua a associar o papel de pai predominantemente ao de provedor material e moral da

família, mas também compreende a necessidade da divisão de responsabilidades emergentes com as mulheres e de cumprimento do princípio segundo o qual a educação dos filhos deve ser intercalada pela proximidade física e afetiva de pai e mãe.

As concepções de paternidade mais envolvida em sua intensidade afetiva e nos cuidados dos filhos também estiveram presentes nos discursos dos entrevistados, indicando que a relação familiar vivida na atualidade tem modificado qualitativamente o significado de ser pai. A convivência do ‘novo pai’ com o pai tradicional dota a paternidade de um sentido mais amplo, que vai além do papel de provedor material, indicando possibilidades de mudanças na qualidade das relações parentais.

Assim, as várias formas de viver a paternidade, relatadas pelos sujeitos entrevistados, apontam mudanças significativas na vivência da masculinidade e no modo de exercer a função paterna na atualidade. E abrem a possibilidade de superação do modelo hegemônico de masculinidade e paternidade, primeiro passo para ressignificar essas relações sociais.

Entretanto, apesar das mudanças e ressignificações, os pais revelaram, em seus discursos, dificuldades para cuidar dos filhos, como o trabalho (nível objetivo), e a falta de confiança das mães na capacidade de cuidarem de seus filhos (nível subjetivo). São grandes as diferenças entre a função do pai e da mãe, embora complementares e entrelaçadas. Ser pai e ser mãe é condição construída numa relação afetiva a três, não sendo desejável a exclusão ou a atuação secundária de nenhuma das partes.

O filho deve ser prioridade nas relações entre o pai e a mãe, os quais devem dispensar, de forma igualitária, cuidado, educação, carinho e segurança física efetiva à criança. Ser pai é uma tarefa que introduz um terceiro elemento que desestabiliza a simbiose entre mãe e filho, fazendo surgir a falta, o desejo e um sujeito, onde antes havia a completude total e um objeto.

O pai precisa agir como facilitador de separações, impulsionando o filho a seguir o seu caminho, e oferecendo-se como elemento importante e fundamental para a identificação, papel antes restrito à mãe. Para isso, ele precisa se predispor a fazer parte dessa relação. O pai que estimula a criança verbalmente e fisicamente, de maneira adequada, que dá ordens com explicações, que estabelece limites e responde às necessidades da criança, que se comunica afetivamente e solicita informações, favorece o desenvolvimento intelectual do filho.

A mãe, por outro lado, precisa estar preparada para lidar com as dificuldades do pai e não criticá-lo ou afastá-lo do filho, porque, assim como ela, inicialmente, ele também não possui habilidades. Para que se torne um pai participativo e ativo diante das necessidades do filho, a mãe precisa lhe dar abertura e confiança para realizar seus deveres.

É possível notar que ainda existe a imagem de relação pai e filho dependente da oportunidade dada pela mãe. Os pais ainda conservam a ideia de que a relação mãe-filho é mais importante do que a relação pai-filho. As mães, por outro lado, apresentam certa resistência em ‘abrir mão da maternidade’, já que se trata de uma função feminina importante e socialmente valorizada. Assim, ao mesmo tempo em que as mulheres reivindicam maior participação dos homens nas tarefas domésticas e cuidados com os filhos, ainda demonstram resistência e ambivalência quanto a dividir e compartilhar seu papel com o pai da criança.

Ambas as funções, tanto materna como paterna, têm um papel central no desenvolvimento e na estruturação do psiquismo da criança e na formação da personalidade do adulto. É na família, agência mediadora entre indivíduo e sociedade, que a criança aprende a perceber o mundo e se situar nele.

A família é formadora da primeira identidade e, conscientes ou não disso, os pais estão progressivamente assumindo o seu lado, mesmo que ainda o discurso predomine sobre a

prática. Ainda é muito difícil lidar com a função paterna e, embora o trabalho não tenha sido conclusivo, apresenta considerações importantes e concretas relacionadas à mudança de visão dos pais e mães sobre seu papel e função no cuidado das crianças.

Este Trabalho, embora não conclusivo, mostra que ainda é muito difícil lidar com a função paterna, e apresenta considerações importantes e concretas relacionadas à mudança de visão dos pais e mães sobre seu papel e função no cuidado das crianças. E aponta a necessidade de se considerar esta nova concepção da figura paterna na construção de políticas públicas voltadas para o fortalecimento dos vínculos familiares e para a concretização da garantia do direito à convivência familiar saudável.

REFERÊNCIAS

- BELO, Fabio. *Paternidades: Interpretações a partir de Laplanche e Winnicott*. Minas Gerais: Kbr Editora Digital, 2014, p. 333-396.
- BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Rev. Psicopedag.* São Paulo, v. 28, n. 85, 2011, p. 67-75.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant. O lugar da família na política social. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2003, p. 15-22.
- CREPALDI, Maria Aparecida. A participação dos pais nos cuidados da criança. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 11, n. 3, 2006, p. 579-587.
- DIAS, Elsa Oliveira. A teoria winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica. *Nat. Hum.* São Paulo, v. 10, n. 1, jun., 2008, p. 29-46.
- EMIDIO, Thassia Souza; HASHIMOTO, Francisco. Reflexões sobre a função paterna e suas configurações no mundo contemporâneo. *Anais V CIPSI - Congresso Internacional de Psicologia*. Maringá: Universidade de Maringá, 2012.
- FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino et al. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Rev. Saúde Pública*. São Paulo, v. 43, n. 1, Feb. 2009, p. 85-90.
- FREUD, Sigmund. *A dissolução do complexo de Édipo* (1923). Standard Brasileira, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 189-199.
- FULGÊNCIO, Claudia Dias R. *A Presença do Pai no Processo de Amadurecimento - Um Estudo sobre D. W. Winnicott*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo: PUC-SP, 2007.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KANAREK, Deborah. No tempo das fraldas de pano. *Revista Crescer*. São Paulo: Globo, n. 132, Nov. 2014, p. 54-59.
- OGAKI, Henrique Abe; SEI, Maíra Bonafé. A função paterna na clínica infantil. *Estilos clin.* São Paulo, v. 20, n. 2, mai./ago. 2015, p. 296-309.
- RAUEN, Fábio José. *Elementos de iniciação à pesquisa*. Rio do Sul, SC: Nova Era, 1999.
- SILVA, José Maurício da. O lugar do pai: uma construção imaginária. Dissertação (Mestrado em Psicologia). 152 p. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2007.
- SZYMANSKI, H. Educação para família: Uma proposta de trabalho preventivo. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*. Rev. Bras. CKSC. Des. Hum. São Paulo, IV(1), 2004, p. 34-39.
- WINNICOTT, Donald W. *A Criança e o seu Mundo* [1957]. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- _____. Desenvolvimento emocional primitivo. In: ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.
- _____. *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

NOTAS

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia apresentado em 2016.

ABSTRACT

The article presents the results of the Conclusion of the Psychology Course, whose objective was to deepen the understanding of paternal function and its importance in child development, and to produce scientific knowledge about the father's view of his role, strengthening the importance of healthy family life, as provided for in the Statute of the Child and Adolescent. The theoretical framework adopted was the psychoanalytic theory, in Donald Winnicott's view, correlated to a brief historical rescue of the social construction of the paternal figure. Field research, of a qualitative nature, involved 15 parents who accompanied the mothers in consultation with their pediatrician. The instrument used was the semistructured interview, guided by a script, addressing: the meaning of being a father; The influences on life to become a father; The importance of participation in the child's life. The responses of the participating parents were organized and systematized into categories, called nuclei of meaning, and analyzed based on the discourse analysis methodology proposed by Socio-Historical Psychology. The results of the research brought significant insights into the parents' view of their role in caring for their children and their place in family dynamics and revealed that their role in the child's social and cognitive development goes far beyond support for the mother in the period Pregnancy and material support to the family. It is intended that these results contribute to the construction of public policies aimed at families, which favor the exercise of responsible parenthood.

KEYWORDS

Parenthood. Psychoanalytic Theory: Winnicott. Child Development. Psychology and Public Policies. Right to family life.